

# Tradução Inverter Foucault: a ontologia constitutiva de Antonio Negri<sup>1</sup>, de Michael Hardt

Jefferson Martins Viel

Doutorando em Filosofia  
pela USP.

jeffersonmviel@gmail.com

As principais correntes da metafísica continental têm se ocupado há algum tempo com a problemática do fundamento negativo do ser. Embora várias correntes diferentes do pensamento negativo tenham alcançado importantes desenvolvimentos (inspirando-se em Nietzsche, Wittgenstein, Husserl, entre outros), dediquemo-nos brevemente à sua versão heideggeriana, que desempenhou um papel especialmente influente. Um aspecto da obra de Heidegger que recebeu considerável atenção é o do desenvolvimento da relação ontológica hegeliana entre fundamento e expressão, no qual Heidegger continua e problematiza a discussão hegeliana sobre a definição do fundamento do ser.<sup>2</sup> Há necessariamente uma ruptura entre o fundamento e a expressão do ser porque, no âmbito do pensamento negativo, o fundamento do ser é sempre inefável em si mesmo: eis o paradoxo da metafísica negativa. O fundamento só pode ser quando é dito, mas o ser-dito ele mesmo não tem fundamento – é pura voz. Em outras palavras, a voz que expressa o ser tem um estatuto ontológico absolutamente negativo. O ser parece descansar precariamente numa poética de silêncios. Linguagem e lógica funcionam como superfícies positivas, mas o misterioso e às vezes místico reino da negatividade permanece ao fundo, como arcabouço ontológico. No pensamento heideggeriano, o fundamento do ser não deixa de ser um problema; em vez disso, ele parece ganhar intensidade em sua ausência. Com maior ou menor grau de sucesso, proponentes contemporâneos do pensamento negativo desenvolveram esse tema em diversas direções – Derrida na desconstrução, Cacciari em uma teoria da “Krisis” e no niilismo, Vattimo no pensamento fraco.<sup>3</sup> Não obstante, uma preocupação comum permanece para aqueles que continuam a teorizar sobre o ser: o problema de um ser-dito que não tem fundamento, o problema de uma voz, uma expressão ontológica que paira sobre o abismo do negativo.

ISSN 2359-5140 (Online)  
Ipseitas, São Carlos, vol.4,  
n. 2, p. 234-237, ago-dez,  
2018

1 Este texto foi escrito originalmente como “Comentário” ao sexto capítulo da tese de doutorado de Michael Hardt, intitulada *The art of organization: foundations of a political ontology in Gilles Deleuze and Antonio Negri*, defendida em 1990 na Washington University. A primeira parte dessa tese, dedicada ao pensamento de Gilles Deleuze, foi publicada sob o título de *Gilles Deleuze: an Apprenticeship in Philosophy*. London; Minneapolis: University of Minnesota, 1993. [Ed. Bras.: HARDT, M. *Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia*. Trad. Sueli Cavendish. São Paulo: 34, 1996]. [N. T.]

2 Baseio essa apresentação simplificada da problemática ontológica heideggeriana na discussão de Giorgio Agamben em *Il linguaggio e la morte: un seminario sul luogo del negativo*. Torino: Einaudi, 1982.

3 A filosofia de Derrida é amplamente difundida no Brasil. Para os casos de Cacciari e Vattimo, ver CACCIARI, M. *Krisis: saggio sulla crisi del pensiero negativo da Nietzsche a Wittgenstein*. Milano: Feltrinelli, 1976 e VATTIMO, G.; ROVATTI, P. A. (Orgs.). *Il pensiero debole*. Milano: Feltrinelli, 1983, respectivamente. [N. T.]

Juntamente a Deleuze, Negri difere dos demais pensadores continentais contemporâneos na medida em que não participa da abordagem heideggeriana da ontologia, na medida em que rejeita toda a tradição da metafísica negativa. No entanto, dada a hegemonia do pensamento negativo na filosofia continental, onde Negri encontra o solo que o permite perseguir uma metafísica positiva e uma ontologia constitutiva? Decerto devemos reconhecer que as investigações ontológicas de Deleuze e de Negri participam de uma antiga linha de pesquisa filosófica: Espinosa é com certeza a figura seminal, mas Duns Escoto, Lucrécio e outros também devem ser incluídos. Derrida assinalou que Espinosa é a única figura da história da filosofia com que Heidegger nunca chegou a um acordo. Talvez a proposta espinosana de um fundamento positivo do ser tenha-se mostrado incompreensível a Heidegger. Negri certamente foi influenciado e auxiliado por Espinosa no desenvolvimento de suas ideias ontológicas, mas as forças efetivas que o levaram a pôr a problemática de uma metafísica positiva foram muito mais locais e imediatas.

Ao contrário de Deleuze, Negri não é um pensador intempestivo. Acredito podermos compreender melhor sua guinada em direção à ontologia se situarmos-la no contexto das novas condições do filosofar que resultaram do impacto causado por Foucault. Não quero dizer que Foucault nos apresenta uma ontologia constitutiva, mas, sim, que seu pensamento fornece a possibilidade dessa fundação positiva. “Nele, ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico”.<sup>4</sup> Inverter Foucault: esse talvez seja o contexto mais adequado para as investigações ontológicas de Negri. Encontrar essa possibilidade em Foucault, é claro, requer uma interpretação particular de sua obra. Qual é o estatuto da discussão ontológica em Foucault? Para muitos intérpretes, o mundo foucauldiano parece ser completamente desontologizado. Inversamente, eu diria que as questões ontológicas permanecem ao alcance da mão, como um substrato, ao longo de seus escritos. Foucault se afasta de suas raízes heideggeriana e husserliana e, mediante suas fidelidades estruturalistas, finalmente traz o fundamento do ser para a superfície do mundo na forma de “uma ontologia histórica de nós mesmos”.<sup>5</sup> Em outras palavras, muitos leem a rejeição foucauldiana da metafísica negativa (do poder do negativo, da essência negativa do ser) como uma rejeição da metafísica e da ontologia *tout court*, e essa é certamente uma das opções disponibilizadas por sua passagem pelo estruturalismo. Mas Foucault toma uma rota diferen-

4 MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 91.

5 FOUCAULT, M. *O que são as luzes*. In: *Ditos e escritos II: arqueologia da ciência e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 347.

te. Em sua teoria do “dispositivo”, ele desenvolve uma nova concepção do fundamento positivo do ser. O ser já não reside nos recessos ocultos de um reino transcendental, mas é achatado na superfície do mundo, nos mecanismos, disciplinas e desenvolvimentos que positivamente constituem práticas e desejos reais.

Este não é o lugar para fazer uma análise extensa do pensamento de Foucault, e devemos ter em mente que, para nossos propósitos, o elemento importante é simplesmente a sua influência em Negri. Permitam-me, entretanto, oferecer três pontos que podem ajudar a ilustrar a plausibilidade dessa leitura da fundação ontológica em Foucault. Consideremos primeiramente a rejeição foucauldiana da hipótese repressiva no contexto de nossa discussão ontológica. A polêmica de Foucault contra a hipótese repressiva é uma polêmica contra uma concepção de constituições preexistentes ou pré-formadas; em Foucault, todos os desejos e subjetividades são constituídos por meio de práticas no mundo. O momento da constituição é fundamental: ele constrói um fundamento real. Essa concepção de constituição oferecida por Foucault é central para qualquer ontologia materialista que rejeita uma essência ideal e pré-formada do ser e que, além disso, busca um fundamento ontológico positivo. O segundo ponto que eu gostaria de considerar é a diferença entre “estrutura” e “dispositivo”. Parece-me que o pensamento maduro de Foucault opera tanto uma substancialização quanto uma politização do estruturalismo, que a concepção foucauldiana de dispositivo permite suportar o peso, a corporeidade e o poder do ser. Os dispositivos que constituem o horizonte do mundo (os limites de nosso pensamento e ação) em uma determinada época entrelaçam-se para formar o tecido do ser. Através da análise de Foucault, a complexa intersecção de dispositivos na era da disciplina-ridade, por exemplo, assume uma dimensão substancial, constituindo e determinando as possibilidades reais do pensamento e da prática. Em Foucault, os dispositivos do poder constroem os transcendentais efetivos de uma época. Dessa forma, o pensador francês fornece uma descrição histórica e materialista da constituição de uma segunda natureza, ou melhor, de uma enésima natureza – uma natureza que é sempre-já artificial. A ontologia é continuamente reconstruída na complexidade das relações reais de poder, subsumindo ou acumulando todas as determinações do ser histórico. No exercício do dispositivo, então, a questão da política se move para o centro da metafísica. Por fim, a teoria do dispositivo não só politiza e substancializa a teoria da estrutura numa dimensão ontológica, mas também a anima com uma nova intencionalidade e uma nova subjetividade. Os dispositivos de poder nunca agem com uma intenção ou um projeto global, mas, não obstante, há uma intencionalidade do poder em Foucault bem como

há uma conformidade a fins da natureza em Kant. Os dispositivos que constituem a natureza organizam o mundo como uma constelação de subjetividades.

Foucault fornece-nos uma vigorosa concepção de ontologia política: a de um ser histórico fundado no poder. Aqui, Negri encontra o cerne racional. Contudo, como notam muitos intérpretes, Foucault parece apresentar uma natureza dominadora, que constrói o mundo em uma marcha incansável de subjetivação/subjugação, um substancializado “*processus sans sujet*”. Na maior parte da obra foucauldiana, os dispositivos do poder parecem ser apresentados como natureza naturante (o agente constitutivo) enquanto os sujeitos sociais são restringidos ao papel da natureza naturada (agentes constituídos e determinados). É aí que Negri procura exercer a inversão da ontologia de Foucault, trazendo o sujeito para a posição de natureza naturante. Em outras palavras, Negri vê o processo foucauldiano da constituição positiva do ser como uma oportunidade para uma intervenção subjetiva. Mediante nossa prática e trabalho coletivo, através de nosso poder, podemos construir um ramo da complexa rede de nosso ser. “A prática da prática, isto é, o conceito completamente desdobrado da prática social, é um excedente ontológico que acrescentamos ao horizonte do mundo”.<sup>6</sup> Mediante a organização de nossa prática coletiva, do nosso trabalho coletivo, construímos um pequeno, mas realíssimo, segmento de nosso ser. Mediante a prática social, podemos intervir na constituição de nossa natureza e, então, lutar para determinar os horizontes de nossos pensamentos e ações, de nossos desejos e prazeres.

Não espero que esta breve exposição forneça um tratamento adequado das investigações ontológicas de Negri ou das importantes questões que ela levanta. Meu objetivo foi simplesmente situar seu projeto no contexto do pensamento contemporâneo e mostrar como as possibilidades ontológicas em Foucault fornecem-lhe um sólido ponto de partida. A ontologia de Negri, bem como a de Foucault, é política na medida em que possui uma fundação positiva nos campos de força material e histórico constituídos pelo exercício do poder. Negri, contudo, tenta encontrar os meios pelo quais os sujeitos sociais, mediante a organização de suas práticas, intervêm nesse processo de constituição ontológica. No pensamento de Negri, a organização política se torna a organização real do ser.

6 NEGRI, A. *Fabbriche del soggetto. Profili, protesi, transiti, macchine, paradossi, passaggi, sovversione, sistemi, potenze: appunti per un dispositivo ontologico*. Livorno: XXI secolo, 1987, pp. 150-1.